

Parque de Armazenagem de Combustíveis do Real

Um depois possível

A Associação Campo Aberto propõe a conversão integral do Parque Real em espaço verde.



A Visão Ambiental e Económica

Existe um certo conceito de que a Ecologia Urbana se faz ladeando uma avenida com árvores ou decorando uma rotunda com arbustos. Não é verdade. A existência de estrutura ambiental na cidade necessita de espaços com espaço. A dimensão é crítica. Não apenas para a criação dos micro ecossistemas necessários mas também para os usos humanos que para aí se pretendam, sejam eles lúdicos, desportivos ou simplesmente para transmitir ao frequentador uma certa percepção de natureza. O vizinho Parque da Cidade do Porto é disso bom exemplo.

Não se fará aqui a elocução do valor ambiental de um parque verde, ir-se-á pela Economia. Um grande parque verde é aglutinador de uma mais valia económica imensa, a sua periferia é um chamariz de forte investimento, a dinâmica de turismo evolui exponencialmente com a sua dimensão e qualidade do seu paisagismo, ele impõe uma nova centralidade. Matosinhos integra hoje efectivamente um vasto território policêntrico e se tem aspiração a promover-se nesse território necessita de um parque de e na cidade (aqui não se coloca o adjectivo "grande" porque o terreno em causa não chega a qualificar como tal). Amputar terrenos do Parque de Armazenagem do Real para outros fins, seria uma inqualificável perda de oportunidade, simplesmente porque retiraria ao espaço a sua característica de suficiência.

Na visão ambiental, é importante assinalar ainda que uma área aberta no Real, em contiguidade com o Parque da Cidade do Porto e a montante com a zona da Biquinha constitui um corredor de ar fresco marítimo crucial para a ventilação do interior da cidade.

Não é a apologia de uma Ecologia Urbana a que se faz referência, é antes à sua imprescindibilidade.

Visão Urbana

Todo o espaço construído gera significados sociais que permanecem na memória colectiva, constituindo uma parte importante da matéria com que se constrói a identidade urbana. Matosinhos reconstruiu radicalmente a sua identidade e estrutura social nas últimas décadas: de cidade industrial e piscatória a cidade de serviços e lazer. A alteração registada no parque habitacional é bem reflexo disso e uma nova classe de residentes tomou a linha de costa. Todavia, o crescimento das cidades não se reduz a uma aritmética demográfica, não bastará atrair mais habitantes se o que se pretende é construir uma identidade urbana forte e capaz de fixar por gerações a população que se vai chegando ao mar. A reconfiguração do Parque de Armazenamento do Real em parque urbano e a ligação deste com o Parque da Cidade, seria uma oportunidade de dotar o Grande Porto de uma área verde de expressão metropolitana. Para além das mais-valias ambientais evidentes, acreditamos que esta extensão do Parque do Real para a zona de armazenamento de combustíveis poderá se desenvolver numa lógica de integração das dimensão ambiental, urbana e cívica. As estruturas dos depósitos de armazenamento deverão ser recicladas e reutilizadas enquanto equipamentos de uso comunitário (apontamos algumas sugestões: um Auditório da Cidade dedicado ao debate permanente sobre as questões urbanas locais; um Centro de Educação Ambiental; Centro de Memória Local). Uma vez devolvidos os terrenos em questão à cidade, estes deverão continuar ao serviço do bem comum, sendo de excluir ou minimizar soluções monofuncionais como a habitação de luxo. A memória industrial que faz parte do ADN desta cidade deve ser respeitado e as suas estruturas reutilizadas dentro do possível. Neste caso, integradas na estrutura mais vasta de um novo Parque Urbano.

floret
arquitectura

Negação de interesses: o presente trabalho não tem nenhum patrocínio político ou comercial; nenhum dos autores trabalha ou tem relações com qualquer das instituições ligadas à conversão e desmantelamento do Parque Real.

A Visão Sociológica

Durante décadas a população de Matosinhos residente e passante na periferia do Parque de Armazenagem do Real, conviveu com uma imagem fortemente industrial e associada a um simbolismo de risco e perigosidade. Simbolismo mas também realidade.

Os anos noventa assistem, particularmente na região a oeste da armazenagem, a uma mutação acelerada. As ruínas fabris desocupadas, que o tempo e a nova economia tornaram obsoletas, sofrem um processo de acentuada terciarização. Foi um processo rápido, um processo cujos conceitos, motivações e instrumentos urbanísticos são discutíveis e deveriam ser alvo de uma reflexão retrospectiva ainda por realizar. Observa-se ali um predomínio da habitação plurifamiliar, baseada em torres na gama dos 8 a 10 pisos de aspecto qualificado e nas bases um comércio e restauração diversa. A ocupação fez-se essencialmente com população migrante oriunda do Porto mas não só, sendo certo que a proximidade do mar e a localização charneira entre Foz do Douro e Matosinhos Centro lhe tiram qualquer carácter de suburbanidade e contextualizam um claro processo de *gentrificação*.

Na região a este do Parque de Armazenagem podemos hoje ainda contactar com os Matosinhenses que conviviam tradicionalmente neste peculiar espaço de Matosinhos Sul. Existem habitações de custos controlados em torre, mas também habitações térreas e alguns traços de ruralidade residual com pequenas hortas.

No entender dos autores, os Serviços Camarários deveriam agora abster-se de vir com novas propostas urbanísticas que possam estratificar a malha sócio espacial da região. A conversão INTEGRAL do Parque de Armazenagem do Real em espaço verde permitiria um amplo espaço de convívio para a população agora residente, permitiria o fim de uma barreira física mas também psicológica, permitiria uma justa recompensa para quem foi sujeito colateral desta Existência.



www.floretarquitectura.com